



ALAP 2020

IX Congreso de la Asociación
Latinoamericana de Población



9 a 11 diciembre

EL ROL DE LOS ESTUDIOS DE POBLACIÓN TRAS LA PANDEMIA DE COVID-19 Y
EL DESAFÍO DE LA IGUALDAD EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

Danilo Sales do Nascimento França, NEPO-Unicamp, danilosnfranca@gmail.com
José Marcos Pinto da Cunha, NEPO-Unicamp, zemarcos@nepo.unicamp.br

**Migração intrametropolitana, raça e segregação na
região metropolitana de São Paulo**

Migração intrametropolitana, raça e segregação na região metropolitana de São Paulo

Introdução e Objetivos

A migração, ao lado da mortalidade e da fecundidade, representa um dos fenômenos-chave da dinâmica demográfica. Definida como “mudança de lugar de residência” (Cunha 2011: 7), a migração abrange desde mudanças de país até mesmo mudanças de local de moradia em um mesmo município. Estudos recentes na região metropolitana de São Paulo (RMSP) como o de Cunha (2015) apontam intensa migração interna na RM, que tende a envolver cada vez mais os municípios mais distantes do centro principal, reforçando processos de desconcentração metropolitana enfatizados pela literatura recente. Espera-se que estes processos de desconcentração impliquem em uma intensificação da segregação socioespacial na medida em que tornam cada vez maiores as distâncias físicas entre os grupos.

O presente estudo propõe a consideração dos diferenciais raciais na análise da migração interna e da segregação. A discussão sobre questões raciais é pequena no campo da demografia brasileira recente, bem como são ainda incipientes os debates que articulam raça e questões urbanas nas ciências sociais de maneira geral. Os estudos urbanos, em sua maioria, herdeiros de uma tradição que pautou a análise da estruturação da metrópole a partir da oposição entre o centro rico e a periferia pobre, enfatizam que os padrões habitacionais nas metrópoles brasileiras se organizam, basicamente a partir das desigualdades de classe social. Villaça (2004), por exemplo, afirma que “a segregação de classes subjuga, domina e explica todas as outras” (p. 95). Ademais, a comparação com os guetos estadunidenses é um velho argumento recorrentemente utilizado para diminuir a importância da segregação por raça no Brasil (Ver Pierson 1971 [1942], por exemplo).

Entretanto, pesquisas anteriores (França 2015, 2017) evidenciaram padrões raciais de segregação residencial na região metropolitana de São Paulo. Mais especificamente, destacou-se que é baixa a segregação racial entre os mais pobres, mas há significativo crescimento nos valores dos indicadores de segregação entre negros e brancos nas camadas médias e altas. Os brancos de classes médias e altas estão desproporcionalmente concentrados em áreas residenciais mais centrais e elitizadas,

distanciando-se dos negros com semelhante posicionamento social, que têm forte presença em localidades periféricas. Ou seja, foi demonstrado um padrão de segregação por raça e classe, o que nos impele a dar espacial atenção aos diferenciais raciais nos estratos médios e altos.

Além disso, França (2017) apontou crescimento do índice de segregação entre negros e brancos de 2000 para 2010 (com o índice de dissimilaridade variando de 0,27 para 0,29). No entanto, tais resultados consistem num registro estático dos padrões de segregação residencial por raça existentes no momento dos censos, isto é, não nos informam sobre dinâmicas de mudanças de residência que contribuem para os contornos de segregação identificados. Tais dinâmicas podem ser aprofundadas através de estudos sobre fluxos migratórios intrametropolitanos.

Este trabalho norteia-se pela hipótese de que os padrões de segregação são incrementados por migrações intrametropolitanas racialmente distintas: fluxos de brancos para municípios mais “centrais” e fluxos de negros para municípios mais “periféricos”. Os diferenciais raciais não são inteiramente explicáveis pelas diferenças de posição na estratificação social, isto é, negros e brancos pertencentes a estratos sociais semelhantes apresentam discrepâncias em seus padrões migratórios.

Métodos

A partir de dados do Censo de 2010, estudaremos os diferenciais raciais nos destinos migratórios intrametropolitanos da região metropolitana de São Paulo. Nosso recorte será o grupo de indivíduos que residia em outro município da RM cinco anos antes da realização do Censo. Para demonstração da hipótese indicada acima, lançaremos mão de categorizações da população em grupos raciais e de estratos sociais; bem como a categorização de espaços segundo suas características centrais e periféricas.

Seguindo a estratégia proposta no estudo comparativo coordenado por Cunha (2018), os 39 municípios que compõem a região metropolitana foram classificados em polo, subpolo, periferias elitizadas, periferias tradicionais próximas e periferias tradicionais distantes.

Indivíduos autodeclarados pretos e pardos foram reunidos na categoria negros, cujos destinos migratórios são aqui comparados aos dos autodeclarados brancos. Visando distinguir os diferenciais raciais dos decorrentes das diferenças de posição na estratificação social, os indivíduos acima de 25 anos foram classificados segundo nível

de ensino e em estratos sócio-ocupacional baixo, médio e superior. Esta última categorização tem como base as categorias EGP de estratificação sócio-ocupacional (Erikson, Goldthorpe e Portocarrero 1979) adaptadas aos dados locais por Barbosa & Marschner (2013).

Resultados

Coerente com os processos de desconcentração metropolitana, uma pequena minoria de migrantes se direciona à cidade de São Paulo, o município-polo da RM (8,8%). A maior parte deles se muda para periferias, principalmente as periferias tradicionais próximas (39,1%). Não obstante, nota-se relevante proeminência dos subpolos na atração da migração interna (29%). A comparação dos destinos migratórios entre os grupos raciais demonstra uma sobrerrepresentação de brancos que se destinam ao polo, subpolos e a periferias elitizadas, ao passo que há maior representação de negros que mudam para periferias tradicionais (próximas e distantes).

Tabela 1: Classificação do município de destino dos migrantes internos na região metropolitana de São Paulo segundo raça (2010)			
	Brancos	Negros	Total
Polo	10,3%	6,4%	8,8%
Subpolo	32,7%	23,4%	29,0%
Periferia Elitizada	10,9%	8,8%	10,0%
Periferia Tradicional Próxima	35,1%	44,9%	39,1%
Periferia Tradicional Distante	11,0%	16,5%	13,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

Cunha & D'Ottaviano (2018), no entanto, já haviam apontado a maior proporção de migrantes mais escolarizados para polo, subpolos e periferias elitizadas. Como as desigualdades educacionais implicam em maior escolarização dos brancos do que dos negros, para asseverar se os diferenciais raciais seriam apenas epifenômenos das desigualdades sociais mais gerais, devemos averiguar as distinções raciais entre indivíduos com semelhante realização educacional. Estas informações podem ser verificadas na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2: Classificação do município de destino dos migrantes internos na região metropolitana de São Paulo segundo nível de instrução e raça (2010)				
		Branços	Negros	Total
Sem instrução e fundamental incompleto	Polo	6,0%	5,3%	5,6%
	Subpolo	28,4%	22,1%	25,1%
	Periferia Elitizada	9,2%	9,5%	9,3%
	Periferia Tradicional Próxima	41,5%	44,3%	43,0%
	Periferia Tradicional Distante	14,8%	18,9%	17,0%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%
Fundamental completo e médio incompleto	Polo	5,7%	6,5%	6,1%
	Subpolo	32,2%	22,0%	27,5%
	Periferia Elitizada	8,3%	7,9%	8,1%
	Periferia Tradicional Próxima	40,9%	47,3%	43,9%
	Periferia Tradicional Distante	12,9%	16,4%	14,5%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%
Médio completo e superior incompleto	Polo	9,5%	7,7%	8,8%
	Subpolo	34,2%	25,2%	30,9%
	Periferia Elitizada	9,7%	7,9%	9,0%
	Periferia Tradicional Próxima	36,6%	45,0%	39,7%
	Periferia Tradicional Distante	9,9%	14,2%	11,5%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%
Superior completo	Polo	18,3%	11,9%	17,3%
	Subpolo	40,8%	37,0%	40,2%
	Periferia Elitizada	14,8%	9,7%	14,0%
	Periferia Tradicional Próxima	20,6%	32,9%	22,5%
	Periferia Tradicional Distante	5,6%	8,4%	6,0%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%

Salvo poucas exceções, em todos os agrupamentos por nível de escolaridade, repete-se o padrão segundo o qual, na comparação dos destinos migratórios entre os grupos raciais, são maiores as proporções dos brancos com destino ao polo, subpolos e

periferias elitizadas, ao passo que são maiores as proporções dos negros que mudam para periferias tradicionais próximas e distantes.

Um padrão semelhante também é observado ao classificarmos negros e brancos segundo estratos sócio-ocupacionais (Tabela 3). Independentemente da classe social, brancos mudam mais para polo, subpolos e periferias elitizadas e negros mudam mais para periferias tradicionais próximas e distantes. Deve-se apontar, contudo, que os diferenciais raciais são menores nas classes baixas.

Tabela 3: Classificação do município de destino dos migrantes internos na região metropolitana de São Paulo segundo grupos sócio-ocupacionais de raça e classe (2010)

	Branco Classe Alta	Negro Classe Alta	Branco Classe Média	Negro Classe Média	Branco Classe Baixa	Negro Classe Baixa	Total
Polo	16,3%	12,1%	14,5%	10,5%	6,7%	6,4%	10,2%
Subpolo	42,4%	33,5%	38,5%	28,1%	30,0%	23,9%	31,9%
Periferia Elitizada	15,4%	10,8%	9,8%	7,5%	8,3%	8,4%	9,7%
Periferia Trad. Próxima	20,1%	34,3%	29,1%	40,1%	41,9%	44,6%	36,3%
Periferia Trad. Distante	5,8%	9,3%	8,0%	13,7%	13,1%	16,7%	11,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Discussão

O trabalho de França (2017), mostrou que dentre os moradores de “espaços de elite e classe média-alta”, que compreendem boa parte da área dos municípios polo, subpolos e periferias elitizadas, não apenas há uma forte predominância de brancos de classes altas e médias (66,3%) mas, para além disso, nestes espaços habitam mais brancos de classes baixas (18,9%) do que negros de quaisquer outras camadas sociais (cuja soma totaliza 14,8%). Trata-se de um quadro de segregação no qual as áreas mais elitizadas da região metropolitana de São Paulo são sobretudo espaços brancos. Certamente os fluxos migratórios intra-metropolitanos possuem um papel muito relevante na conformação deste padrão de segregação.

No presente trabalho, a análise comparativa dos locais de destino de migrantes negros e brancos revelou significativas discrepâncias raciais uma vez que há maior

representação de brancos dentre os que migram para o município-polo, subpolos e para periferias elitizadas; e maior representação de negros dentre aqueles que têm como destino as periferias tradicionais, próximas e distantes. Tais disparidades não podem ser explicadas apenas pelo posicionamento dos indivíduos na estratificação social, uma vez que os desequilíbrios se mantêm quando comparamos os destinos migratórios de negros e brancos em condições sociais, como realização educacional ou inserção ocupacional, semelhantes. Estes padrões migratórios, se continuarem exibindo as características evidenciadas em nosso estudo, devem resultar num recrudescimento da segregação por raça já identificada na metrópole. Ademais, se levarmos em consideração a tendência de “dispersão da metropolização”, poderemos esperar que a segregação racial deverá se manifestar mais fortemente através da diferenciação entre os municípios periféricos.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Rogério; MARSCHNER, Murillo. "Uma proposta de padronização de classificações em pesquisas do IBGE (Censos 1960-2010) e PNADs (1981-2011): educação, setores de atividade econômica e ocupação (ISCO-88, EGP11 e ISEI)". Working paper. Mimeo. 2013.

CUNHA, J. M. P. da. *Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo*. 1. ed. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2011.

CUNHA, J. M. P. da. População, Dinâmica e Migração. In: Eduardo Marques. (Org.). *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo: Unesp, 2015.

CUNHA, J. M. P. *Dinâmica demográfica e socioespacial no Brasil metropolitano*. São Carlos - SP: EduFSCar, 2018.

CUNHA, J. M. P. da; DOTTAVIANO, C. Região Metropolitana de São Paulo. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). *Dinâmica demográfica e socioespacial no Brasil metropolitano*. São Carlos - SP: EdUfscar, 2018.

ERIKSON, R.; GOLDTHORPE, J.; PORTOCARRERO, L. “Intergenerational Class Mobility in Three Western European Societies”. *British Journal of Sociology*, vol. 30, 1979.

FRANÇA, D. S. N.. Desigualdades e segregação residencial por raça e classe. In: Eduardo Marques. (Org.). *A Metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. 1ed.São Paulo: Editora Unesp, 2015.

FRANÇA, Danilo Sales do Nascimento. *Segregação racial em São Paulo: residências, redes pessoais e trajetórias urbanas de negros e brancos no século XXI*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia*. São Paulo: Editora Nacional (Brasiliana; vol. 241). 1971 [1942].

VILLAÇA, Flavio. “A pesquisa sobre segregação: conceitos, métodos e medições”. *Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos*, v. 24, n. 45. 2004.